

# Jogos Discursivos: efeitos de sentido múltiplos no jornal *Meia-Hora*

*Jonathan Ribeiro Farias de Moura*<sup>1</sup>

Fundação Oswaldo Cruz

**Resumo:** As capas do jornal *Meia-Hora* são conhecidas pelo seu tom cômico em divulgar a notícia. Elas possuem uma formulação complexa que exige do sujeito-leitor um conhecimento prévio das manchetes e/ou uma familiaridade com as formas linguísticas que são utilizadas. O objetivo do trabalho é analisar a discursividade que se apresenta nas capas de diferentes épocas, diferentes temas e verificar os recursos que o jornal utiliza. Seja verbal, não verbal, ou os dois simultaneamente. Ao todo foram analisadas 6 capas e constatou-se nelas uma teia discursiva complexa em que verbal e não verbal são explorados em seus limites máximo. Para tanto, serão utilizados os pressupostos da Análise de Discurso de linha francesa e conceitos como Discurso Lúdico (ORLANDI, 1987) e Discurso Polêmico (idem) e Imagem (SOUZA, 2001).

**Palavras-chave:** Discursividade; verbal; não verbal; *Meia-Hora*

**Abstract:** The *Meia-Hora* newspaper covers are known for their comic tone to disseminate the news. They have a complex formulation that requires from the reader prior knowledge of the subject in the headlines and / or familiarity with the linguistic forms that are used. The goal of this work is to analyze the discourse that appear on the covers of different times, different themes and verify the resources that the newspaper uses. Whether verbal, nonverbal, or both simultaneously. Altogether 6 cases were analyzed and a complex discursive web was found. To do so, the notions of the french Discourse Analysis will be used as well as concepts such as Speech Playfulness (ORLANDI, 1987) and Controversial Speech (ditto) and Image (SOUZA, 2001).

**Keywords:** Discourse; verbal, nonverbal; *Meia-Hora*

---

<sup>1</sup> Doutorando em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e professor-pesquisador da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio da Fundação Oswaldo Cruz.

## Introdução

Este trabalho<sup>2</sup> tem como objetivo analisar alguns jogos de linguagem elaborados para as capas do jornal *Meia-Hora de Notícias*, veiculado na cidade do Rio de Janeiro. O jornal *Meia-Hora* é vendido na cidade, entretanto já foi vendido também na cidade de São Paulo por um período curto.

O jornal começou a ser vendido no ano de 2005 com o preço a R\$0,50. Atualmente custa R\$1,00 e é destinado às classes C e D da população brasileira, segundo a ANJ (Associação Nacional de Jornalistas).

É interessante observar a complexidade dos Jogos Discursivos que tecem as capas. Seja criando novos itens lexicais, seja mesclando diferentes códigos de linguagem. É a partir daí a ideia de há efeitos de sentido múltiplos, isso porque o sujeito-leitor que se dispõe a ler as capas precisa estar inserido em todo um universo discursivo para entender plenamente a matéria de capa do periódico. Precisa estar atualizado com fatos do cotidiano veiculados na mídia, com jargões populares e, ainda, conhecer os *personagens* que são manchetes.

Logo, se ressalta aí a importância do conceito de Condições de Produção, quando observamos que além da materialidade simbólica, há a materialidade histórica formada pelas relações sociais e assim forma-se a base dos processos discursivos (Althusser, 1998).

As sessões que configuram a análise das capas sob análise foram divididas em duas: (2) Ambiguidade e Polissemia Lexical e (3) Mesclagem e Processos Lexicais. Essa divisão é feita para evidenciar ainda mais a ideia dos efeitos de sentido múltiplos, que estão paralelamente direcionados às materialidades discursivas que compõem as capas em destaque.

## 2 Ambiguidade e Polissemia Lexical

A análise a seguir enfoca duas capas: a separação de uma atriz conhecida, depois de ter sido agredida pelo companheiro, também ator e a prisão do banqueiro do jogo de bicho e patrono de escola de samba.

---

2 Este trabalho integra a dissertação de Mestrado, *Capas do Jornal Meia-Hora: uma análise discursiva do verbal e não verbal*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015

## (I) LUANA NÃO TEM MAIS DADO (foto) EM CASA

Figura 1



Esta capa, publicada em 29/10/2008, contém dois. Em primeiro lugar a mescla entre imagem e texto, recorrente no jornal, quando uma imagem ou uma foto substitui algum constituinte sintático. Na manchete, em análise, a foto do companheiro da atriz substitui tanto o complemento do verbo ter “não tem mais Dado em casa”, quanto parte do núcleo verbal – “tem dado”.

Parte do núcleo verbal constitui o segundo recurso da manchete, quando esse mecanismo institui a ambiguidade do enunciado. O verbo dar, em alguns contextos restritos e num linguajar mais popular, tem uma acepção que não está em alguns dicionários, cujo sentido é o de ato sexual. No dicionário *Aurélio* há a acepção de “relacionar-se”, mas não especifica se é sexualmente, amorosamente, ou amigavelmente. A questão é que o verbo dar tem esse sentido. Há uma construção que também propaga essa ideia. Uma piada, comumente usada entre jovens, em que numa interação perguntam ao interlocutor “Tem dado em casa?”, o que as pessoas pensam primeiramente é no dado como forma cúbica, geralmente usada em brincadeiras com tabuleiro. Ao responder “sim/não”, o interrogado sofre uma quebra de expectativa pelo questionador que leva para o sentido de ato sexual, qualquer resposta que o interrogado der. E ainda o que fez a pergunta complementa, caso o interrogado responda “não”, com a frase “Tem dado na rua, então?”. Esta foi apenas uma ilustração de uma situação em que o verbo dar pode ter sentido sexual. E é esta extensão que, a nosso ver, vem sugerida na referida capa.

Intuitivamente, pensamos que o verbo dar tem uma relevância sintática forte. Continuando na acepção do verbo como ato sexual, trazemos exemplos de situações que contribuem para essa análise. Numa conversa entre um grupo de amigos muito íntimos uma menina fala que “Eu dei pra ele”. Nesse contexto vemos que há um objeto nulo na sentença. Em nenhum momento da conversa esse objeto tem referência. Ele não é recuperado no discurso, mas pelo contexto da conversa fica entendido do que se trata.

Voltando à capa, é evidente que o verbo, tão polissêmico no participio passado, não é escrito, mas sim se coloca a foto do Dado Dolabella. O jornal poderia ter escrito o nome colocando letra maiúscula, mas ao colocar a foto do ator, há uma relação metonímica diretamente voltada para o ato sexual. Com esse recurso, são dois os enunciados que se sobrepõem: a atriz não tem mais o companheiro e, por consequência, não há mais o relacionamento (sexual) conjugal.

Ainda como parte da estrutura enunciativa da manchete, há o uso do advérbio “mais”, que, ao modalizar a sentença, acarreta uma outra interpretação possível: “a atriz não tem mais dado em casa”, e tem dado onde?

Em termos discursivos, vale à pena recuperar, aqui, o efeito de sentido decorrente da polissemia aberta, no caso, a injúria (cf. Orlandi, 1983). O sentido que pode ser inferido pelo uso do advérbio “mais”, modalizador de tempo, poderia acarretar ao jornal algum recurso jurídico em decorrência da injúria trazida pelo enunciado implícito. Entretanto, o uso da foto, cuja leitura remete ao apelido do ator, no caso ‘Dado’, permitiria descartar essa outra interpretação. Mais uma vez, ressaltamos que não é o jornal quem dita o sentido, e sim o leitor por conta das condições de produção em que a manchete é formulada.

### 3 Mesclagem e processos lexicais

Sob o rótulo de mesclagem, estamos agrupando o restante das capas, que englobam as seguintes manchetes: a atuação do Batalhão da Polícia Militar em comunidade no bairro da Penha; a oferta de sexo oral, de uma vendedora ambulante a policial; o adestramento de um gato para traficar drogas e objetos em presídio; a morte da cantora Amy Winehouse; a prisão de duas jovens por tráfico de drogas e a prisão de espíritas, que aplicavam o golpe de estelionato.

#### (II) BOPECIDA, O INSETICIDA DA POLÍCIA

Figura 2



A capa, agora em destaque, foi publicada em 17/04/2008 e apresenta um processo no que se refere à composição lexical em “bopecida”. O radical latino -cida vem de *caedere* que significa “aquele que mata”. Mas o que o jornal faz é uma relexicalização, ou seja, a mudança de natureza lexical que a palavra sofre, no caso, um radical. É mantida a ideia de extermínio que o afixo possui, mas na palavra não é a base à esquerda que sofre a ação, mas sim o agente que extermina os bandidos. Ou seja, o radical -cida passa a determinar o agente da ação de matar, enquanto o radical prefixado -cida determinaria o paciente da ação. O jornal recorre à redefinição sintática dos formatos lexicais. A criação do termo “bopecida”, em termos discursivos, parece ter relação com a declaração do próprio coronel do Batalhão de Operações Policiais Especiais, cuja sigla é BOPE. Ao dizer que “Os policiais são saneadores”<sup>3</sup>, o periódico se aproveitou dessa definição para explorar, ainda mais, esse campo semântico. No mesmo trecho o jornal acrescenta que “Pacientes com dengue ficaram no meio do tiroteio na Penha”.

Em relação ao não verbal, a criatividade do tabloide também é quase ilimitada. Na ilustração da notícia, o jornal faz uma montagem com a embalagem de um inseticida, cuja marca é SBP e acrescenta a esta sigla a letra M, a sigla final tem as consoantes PM como referência à Polícia Militar. No meio do frasco onde geralmente tem-se o mosquito desenhado no centro, o jornal colocou o símbolo do BOPE, uma caveira com duas armas atrás com um(a) faca/punhal atravessado no crânio. Embaixo do desenho da caveira há centro-alvos, mas ao invés de haver mosquitos no centro, vemos homens que poderíamos interpretar como bandidos que os policiais “caçam” ou “exterminam”. Mais abaixo, ainda há os dizeres “Eficaz contra vagabundos, traficantes e assassinos”, o que ratifica a ideia de que os homens sob a mira são marginais/delinquentes/bandidos.

### (III) DEPOIS DE GATONET E BOLA GATO, AGORA É O GATOTRÁFICO

Figura 3



3 Na página do UOL da Folha de SP, recupera-se a declaração do coronel do Batalhão: “PM do Rio é o melhor inseticida social” têm-se, assim, as condições de produção que deram suporte à criação pelo *Meia-Hora* do termo ‘bopecida’.



A manchete da capa do dia 06/01/2013 é introduzida por uma remissão temporal a outros delitos noticiados em capas anteriores. O fio que costura essa remissão se dá através da referência aos processos de formação lexical oriundos do linguajar popular. Processos em certa medida, dada a complexidade aí presente, difíceis de serem descritos, apenas, em termos gramaticais.

A notícia é sobre um gato que foi treinado para levar baterias de celular, fones de ouvido, aparelho celular, carregador, serras, brocas, tudo isso enfaixado no corpo do felino em um presídio de Arapiraca em Alagoas. Ao recuperar o histórico com a palavra “gato” (gatonet, bola-gato) nas capas do jornal, o periódico lança um novo termo -gatotráfico - para denominar a atividade para a qual o animal foi treinado. O enfoque da formação de “gatotráfico” pelo viés da linguística requer levar em consideração sua complexidade. No português nós temos a palavra “narcotráfico” significando tráfico de drogas. Ao criar tal palavra o jornal substituiu a base “narco” pela base “gato”. Porém, o resultado dessa formação vocabular não é o mesmo que resulta na palavra narcotráfico. Enquanto em narcotráfico, ‘narco’ é o objeto do tráfico, em ‘gatotráfico’, gato é o agente do tráfico. Tem-se aí, como no exemplo acima, um processo de relexicalização, quando a palavra “gato” tem sua função sintática deslocada de objeto para agente.

Numa outra direção, poderíamos pensar, também, a composição de “gatotráfico” não diretamente relacionada a “gato”, mas sim ao adjetivo “gatuno”. Essa palavra surgiu no português em 1727 segundo o *dicionário Houaiss da língua portuguesa* e faz parte de um seletivo grupo que possui um sufixo único, no caso o *-uno*. É claro que os vocábulos “gato” e “gatuno” possuem semelhança, provavelmente, o segundo surgiu devido às características do animal. Dessa forma, ao colocarmos “gatuno” não estamos colocando, pelo menos diretamente, em evidência as características de um gato, mas sim a questão comportamental de burlador de leis, de um ladrão, de um fora da lei.

Quais aspectos em ‘gatotráfico’ que poderiam aproximar essa formação de mesclagem? Os traços prosódicos: o número de sílaba, a sílaba proeminente e a semelhança fonética. Discursivamente, tem-se um deslizamento de sentido: um enunciado é substituído semanticamente por outro. Esse processo é que, em termos discursivos, vai dar lugar à redefinição lexical dos itens envolvidos: o deslizamento de “narco” para “gato” resulta na redefinição sintática lexical: objeto → agente.

Do ponto de vista linguístico, o jornal se vale da concatenação lexical prevista no sistema da língua, mas a redefinição sintática do termo concatenado é de outra ordem: pela junção gramatical dos formativos, “gato” passa a ter valor de radical, mas



dadas as características semânticas contidas, por exemplo, na expressão ‘gatuno’, desloca-se a função sintática do radical de complemento para agente. Dois recursos visuais ratificam, ainda, essa análise: a foto do animal envolvido com objetos traficados e o destaque em cor da expressão “gatotráfico”, que, no caso de outra mídia, o recurso para sublinhar tal termo inventado poderia ser através das aspas. No *Meia-Hora*, os tipos com cores diferenciadas parecem ter a mesma função das aspas<sup>4</sup>.

A respeito desses mecanismos de visibilidade explorados na mídia, em geral, Souza (2001) observa que a interpretação de um texto (como notícia, por exemplo), em que o trabalho com o verbal e o não verbal dá lugar a outro(s) texto(s) implícito(s), sugerido(s), se dá pelo efeito de visibilidade.

[...] Todo esse processo revela, ainda, por um lado a relação de complementaridade entre o polifônico (o verbal) e o policrômico (o não-verbal) num trabalho de produção de sentidos; por outro lado, aponta também como na mídia impressa esses dois níveis de significação - o verbal e o não-verbal - funcionam como dois planos discursivos autônomos (Souza, 2001: 90)

A imagem, nessa manchete, funciona para legitimar o que está sendo noticiado. Um gato que faz alguma espécie de tráfico parece impensável num mundo real, mas ao colocar a foto do animal enfaixado, o jornal “prova” que isso de fato aconteceu.

#### (IV) AMY-A OU DEIXE-A

Figura 4



4 Embora o uso de cores diferenciadas se aproxime do uso das aspas, é válido esclarecer que na maioria das vezes o *Meia-Hora* dá um tom de ironia quando as utiliza e quando usa a cor redefine o valor semântico da palavra em destaque.

A capa em análise, noticiada em 24/07/2011, traz a manchete sobre a morte da cantora britânica Amy Winehouse. Ela ficou internacionalmente conhecida por sua música, mas também por uma vida boêmia que levava regada a muitas bebidas e drogas.

Essa trajetória é o principal mote da capa da vez. O tabloide faz uma retrospectiva das coisas ruins que acabaram acarretando a morte da cantora. “Bebeu, fumou, cheirou e dançou”. Nesta breve retrospectiva, vemos os fatos que envolveram a cantora: bebidas, drogas, etc. A escolha do verbo *dançar* não está necessariamente pontuando que a dança fazia parte das atividades da cantora, mas sim, se valendo da gíria “dançar” para significar que o final não foi feliz. O verbo *dançar* tem essa acepção em determinados contextos, por exemplo, numa situação em que alguém se deu mal, ou que algo deu errado.

Há também uma referência ao *Poema retirado de uma notícia de jornal* de Manuel Bandeira:

#### **Poema retirado de uma notícia de jornal**

---

*João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia  
num barracão sem número  
Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro  
Bebeu  
Cantou  
Dançou  
Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.*

Outro dado interessante é a paráfrase que o jornal faz do slogan da época da ditadura, através de um trocadilho com o nome da cantora. Nessa época, pessoas que não se enquadravam nas normas ditadas pelo governo ditatorial deveriam sair do Brasil. A condição de amar o Brasil estava intrinsecamente relacionada àqueles que o governavam. Ao trazer à tona esse enunciado, o jornal recupera algo que está na memória social<sup>5</sup> das pessoas. Assim, o jornal cria uma paráfrase do slogan e formula “Amy-a ou deixei-a”, fazendo uma alusão ao comportamento criticável da cantora. Ao se valer dessa paráfrase, o periódico, implicitamente, propõe aos sujeitos-leitores

---

5 Trazemos a questão de Memória Social, porque é algo vivo no imaginário dos brasileiros. Está presente nos livros de histórias, logo trata-se de um objeto cultural que materializa e dá forma à Memória Oficial (objetos como livros, filmes, imagens, escritos, arquitetura, etc.).

uma aceitação ou não do modo de vida de Amy. Eles poderiam gostar/amar Amy pelo que ela é, ouvindo sua música e admirando seu talento, ou poderiam “deixá-la”, justamente por ser uma pessoa desregrada, que estava envolvida com álcool e drogas.

Ainda sobre a paráfrase, vemos que sua formulação reside no deslizamento do nome “Amy” para o verbo “ame”. A possibilidade desse deslizamento foi o suficiente para reformular o referido slogan, associando-o à alternativa entre amar a cantora, ou odiá-la, deixando-a de lado.

Na base desse deslizamento, se verifica também a sugestão de uma pronúncia “abrasileirada” do nome da cantora: em vez de /émi/, pronúncia prevista no inglês, fala-se /ãmi/, para que seja possível parafrasear o slogan. Tal interseção é possível pela ortografia, já que o verbo e o nome da cantora são praticamente iguais, considerando-se, no caso, que a consoante [y] é pronunciada como [i] em português. Este pode ser também um elemento facilitador para o leitor reconhecer na frase “Amy-a ou deixe-a” a referência ao velho slogan.

No nível discursivo, assinalamos ainda que foi escolhida uma foto da cantora em que ela está de boca aberta, provavelmente, cantando, mas, dadas as condições de produção da notícia, a do falecimento da cantora e suas circunstâncias trágicas, o meme da internet viralizado em um vídeo do You Tube, proposta em forma de balão, ao lado da boca, sugere a tendência da cantora, mesmo, após a morte: “Será que tem bons drinks no céu?”.

Por último, uma vez mais, há o recurso de assinalar “Amy-a” com a cor diferente do enunciado que antecipa a manchete de capa. É dessa maneira que o *Meia-Hora* se vale de um recurso imagético para apontar os sentidos e as mudanças de sentido que propõe às palavras-chave dos enunciados.

(V) ‘DELEGATA’ PRENDE MÃES DE SANTO DO BONDE DO PAI BRUNO

Figura 5





Na capa em pauta, publicada em 25/06/2012, a notícia é sobre as mães de santo que foram presas e pela operação ter sido comandada por uma delegada bonita.

A primeira frase é “Nada para a polícia é impossível”, aí temos [Nada para a polícia [é (im)possível]], ou seja, negação dentro da negação. Essa sentença, com um jogo jocoso, com tom de deboche, parafraseia o discurso evangélico, que diz que nada para “Deus é impossível”. O uso do jargão é comumente usado nos cartazes de publicidade, como por exemplo, “Nada para pai Bruno é impossível”, ou “Trago seu amor em 3 dias”. Na manchete, porém, há o deslocamento de enunciadores, jogando com a posição vazia prevista, segundo Foucault (2011), em todo enunciado. Como no caso do fato em foco, as mães de santo e o “pai Bruno” foram presos, o jornal atribui à polícia a posição enunciativa do conhecido jargão. Tem-se, aí, um deslocamento de vozes a partir do deslocamento de enunciadores.

Outro mecanismo polissêmico que se institui entre o “Bonde do pai Bruno” e o “bonde da lei” é que a expressão “bonde” tem origem nos bailes funk<sup>6</sup> e significa um grupo de pessoas ligadas a um determinado grupo escolar, grupo de dançarinos, grupo de bairro, grupo de cantores. O “bonde do pai Bruno” está relacionado ao grupo de mães e pais de santo que praticavam estelionato, ou seja, trata-se de um grupo fora da lei.

O jornal noticia a desarticulação do “bonde do pai Bruno” pela ação do “bonde da lei”. Esse deslizamento de sentido da palavra “bonde”, institui um outro sentido para bonde: um bonde fora da lei é desfeito pelo bonde da lei.

Vale à pena recuperar, aqui, como são definidos os deslizamentos de sentido. São processos discursivos responsáveis pelos efeitos de sentido, fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, lembrando que este deslizamento de sentido entre x e y é constitutivo tanto no sentido designado por x como por y, dando lugar a:

Bonde fora da lei



Bonde ∅ da lei

---

6 Baile Funk é uma forma de diversão comum nas periferias e favelas cariocas, em que se dança e ouve o ritmo denominado Funk.



O deslizamento aqui se dá pelo apagamento da palavra “fora”, instituindo, assim um interessante movimento polissêmico. Por último, não podemos deixar de colocar em discussão a expressão ‘delegata’. A delegada Flávia Monteiro ficou conhecida depois de prender o estelionatário conhecido como “Pai Bruno”. Depois Flávia conseguiu identificar onde as comparsas de Bruno estavam e também as prendeu. A primeira questão a ser analisada é da palavra “delegata”. Numa análise primeira, poderíamos pensar que há só a troca de uma consoante sonora /d/ por uma consoante surda /t/. Entretanto, não é apenas isso, podemos ver que mesmo tendo uma estrutura morfológica parecida a sequência -gada de “delegada” é substituída, para entrar a palavra “gata” e assim denominar uma delegada bonita, ou gata, uma vez que esse substantivo comum funciona como adjetivo quando ligado a um nome. Nos termos de Gonçalves (2003), “delegata” pode ser analisado como Cruzamento vocabular (ou Blending Lexical, BL) porque:

BLs são fusões de duas formas de base: palavra 1 (P1) e palavra 2 (P2). O ponto de quebra (local em que essa junção ocorre) permite levantar algumas generalizações interessantes sobre a estrutura lexical de cruzamentos. Em linhas gerais, há dois padrões para o BL no português do Brasil, de acordo com Gonçalves (2003): (a)<sup>7</sup> um para os casos em que P1 e P2 apresentam algum tipo de semelhança fônica e (b)<sup>8</sup> outro para aqueles em que P1 e P2 são totalmente diferentes do ponto-de-vista segmental. Essa (des)semelhança fônica determinará o ponto de quebra (GONÇALVES, 2003: 152)

No exemplo acima, não há nenhum elemento invasor, o que ocorre é uma fusão entre bases. A palavra delegada tem uma parte que possui a semelhança fônica com a palavra gata, a parte -gada. Dessa forma “delegada + gata” = “delegata” passa a significar, com duas entradas, uma delegada bonita.

## (VI) A Pó-Pozuda

Figura 6



7 Por exemplo, Sacolé que significa picolé em saco.

8 Por exemplo, Showmício que significa comício com apresentação de shows musicais.



A última capa que analisamos, publicada em 01/02/2013, é sobre duas meninas que foram retidas no aeroporto por estarem com a região das nádegas cheias de cocaína. Ao colocar a notícia, o jornal pontua a classe social das meninas, visto que na manchete tem o termo “Patricinha” que denomina meninas com um poder aquisitivo elevado.

A palavra que tem destaque nessa manchete é “popozuda”, que também surgiu nas letras de funk carioca. E nas letras o sentido da palavra corresponde à denominação das nádegas avantajadas, ou do bumbum, se optarmos por denominar popularmente. A “buzanfa”, termo antigo com a mesma função, é posto para especificar o lugar onde as meninas estavam levando os entorpecentes.

A palavra “popozuda” é oriunda das letras de funk, mas nessa capa funciona em conjunto com o termo que é usado para falar sobre a cocaína, no caso o substantivo comum “pó”. Em termos de formação lexical de “pó-pozuda”, a pergunta que ocorre é como se dá essa formação? Recorrendo a preceitos da Linguística Cognitiva, de início, achamos que poderíamos descrever essa formação como Substituição Sublexical, como propõe Gonçalves, Andrade e Almeida:

(...) por envolverem incorporação de uma “palavra invasora” na chamada “palavra alvo” (Bat-el 2006). A palavra-alvo apresenta porção fonológica que coincide com a encontrada num formativo e é a partir dessa identidade formal que se dá a incorporação. Desse modo, do ponto de vista morfológico, SSLs, ao contrário de cruzamentos vocabulares, (...) têm apenas um input. (GONÇALVES, ANDRADE e ALMEIDA; 2010:3)

A expressão “pó-pozuda” tem uma formação diferente de SSL, como proposto por Gonçalves et al (idem). O que se tem é a desincorporação da sílaba /po/ da palavra ‘popozuda’ e, através da dissimilação do traço fonético da vogal fechada, que passa a ser realizada como vogal aberta [ó], cria-se um novo item lexical composto. Essa mudança de traço fonético se dá para atender à realização sonora da palavra /pó/ e compõe o novo vocábulo: pó-pozuda.

Todo esse processo é diferente do que propõe Gonçalves, Andrade e Almeida (2010), ao descreverem o fenômeno de Substituição Sublexical de um item formativo para se dar a incorporação da palavra invasora. O que se tem, em verdade, é um movimento de desincorporação de uma sílaba, sem status de formativo, que passa a ser relexicalizada como tal.

Pelo viés da AD, podemos entender todo esse processo como paráfrases lexicais e discursivas (cf: PÊCHEUX, 2012), quando o autor, ao analisar paráfrases



sintáticas, envolvendo a variação lexical e paráfrase sintática<sup>9</sup>, de onde decorrem diferentes efeitos de sentido.

Outra questão que interessa analisar é a mescla do texto verbal com o não verbal. Essa junção, como temos mostrado ao longo de nossa análise, nunca é aleatória. Faz parte da complexidade discursiva das capas, revelando a relação da complementaridade de sentidos entre o verbal e o não verbal.

É o caso, por exemplo, do destaque da sílaba [pó]. Além de todos os mecanismos linguísticos que descrevemos acima, observa-se que a desincorporação da sílaba é sublinhada por uma cor diferente dentro do vocábulo pó-pozuda. ‘Pó’ vem na cor branca, dentro do sintagma “A pó-pozuda” escrito em amarelo. Essa mudança de cor acompanha a relexicalização da palavra “popozuda” e da sílaba [pó] e remete, ainda, à cor da cocaína..

A outra questão levada em consideração é a imagem da “bunda de pó” que o jornal coloca para construir a capa. Ao não colocar nenhuma foto das meninas e sim a parte do corpo em que elas levariam as drogas, mais uma vez o jornal prefere a sobreposição de imagens: a foto das acusadas é significada, por relação metonímica, pela parte do corpo denunciada. Ou seja, silencia-se o rosto das acusadas, sobrepondo-se o recurso pensado para traficar a droga. Enfim, o periódico coloca em complementaridade ambas as formas de linguagem (verbal e não verbal) e tece uma teia discursiva que têm suas especificidades, mas que, principalmente, funcionam para subsidiar o lugar político-ideológico de onde fala o jornal.

## Conclusão

Ao longo das seis capas foi possível notar os jogos discursivos e os múltiplos sentidos para que a notícia fosse divulgada com o tom jocoso que o jogo de linguagem permitia. A discursividade aponta para o funcionamento do discurso lúdico, aquele em que predomina a polissemia em excesso, beirando ao *non-sense*.

---

9 Em Pêcheux (2012) são descritos vários tipos de paráfrases lexico-sintáticas. O termo sintaxe, aqui, designa junção.



Mas como se textualiza essa polissemia? A resposta a essa questão nos levou a buscar os mecanismos linguageiros que davam sustentação ao funcionamento do discurso lúdico no jornal. E são muitos esses mecanismos.

No âmbito das formações lexicais, analisamos linguisticamente a complexidade que os novos vocábulos apresentam. Algumas formações pareciam ter o caráter de Blending Lexical, como por exemplo, “gatostráfico”, no entanto vimos que a palavra é de uma complexidade maior do que a prevista na literatura, pelo trabalho de redefinição lexical que esta e outras formações oferecem. Pertinente torna-se, então, assinalar que os efeitos de sentidos trazidos com esses processos de deslocamento no âmbito lexical, bem como a explicitação do trabalho de linguagens que aí se verifica, se tornam possíveis no bojo da discursividade instituída na diagramação das capas do jornal.

A ideia de mescla, porém, não é só voltada para questões de formação lexical. Ao longo de toda a análise observamos como o jornal faz uso de mescla entre o código verbal e o não verbal, quando da junção de elementos visuais diversos: figuras, fotos, cores e textos.

O processo de mesclagem, na verdade, é sustentado pela polissemia lexical, forjada pelo sentido popular e não, necessariamente, pelo sentido lexicalizado nas entradas dos dicionários. Daí decorrem vários deslocamentos em diferentes direções: ora são os deslizamentos de sentido, dando lugar aos efeitos metafóricos; ora são os deslizamentos lexicais, quando determinado formativo perde seu traço sintático-semântico, como é o caso, por exemplo, dos radicais narco- e -cida; ora o deslocamento na sintaxe, quando um elemento visual passa a ter uma função sintática no enunciado.

Um outro traço característico da posição discursiva do jornal parece residir na falta de um certo enfoque crítico com relação a alguns fatos. A forma como jornal noticia os casos de agressão à mulher parece reafirmar uma posição machista, quando, por exemplo, não há nenhuma referência à previsão de punição legal do agressor. O tom que cerca esses incidentes é sempre o deboche, o cômico, mas nunca o crítico.

Todos esses processos que estão na ordem do político-ideológico dão ao jornal um caráter de senso comum, que, ao não trazer ou propor nenhuma reflexão aos leitores do periódico, colocam-se os fatos apenas no nível do sensacionalismo. Ao se inscrever em posições ideológicas favoráveis ao machismo, ou à punição de bandidos a qualquer custo, o jornal cumpre suas funções como fonte de informação, mas não traz um tom crítico, fazendo, assim, uma ratificação do que está no imaginário popular.

Enfim, os Jogos Discursivos constituem-se pela nível alto de elaboração das capas, tal elaboração possui um caráter diverso mesclando



códigos (verbais e não verbais), ou formulando novos itens lexicais para compor tal capa. É daí que toda a complexidade da capa favorece fazer do jornal um alvo de pesquisa.

## Referências

- ALTHUSSER, L. P. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- BAKHTIN, M. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo, SP: Hucitec, 1987
- BASÍLIO, M. *Teoria Lexical*. São Paulo, SP: Ática.1987
- COURTINE, J. *O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político*. Texto fotocopiado.
- DUCROT, O. *O Dizer e o Dito*. Campinas, SP. Ed: Pontes. 1987.
- FAUCONNIER, G & TURNER, M. *The way we think. Conceptual Blending and the Mind's hidden complexities*. New York, NY. Ed: Basic Books. Ano 2003.
- FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo, SP. Ed: Contexto. Ano 2011.
- FIORIN, J.L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo, SP. Ed: Ática. Ano 2008.
- FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Ed:Loyola. 21ª ed, São Paulo, SP. Ano 2011.
- GONÇALVES, C. A. *Blends lexicais em português: não-concatenatividade e correspondência*. *Veredas* (UFJF), Juiz de Fora, v. 7, n. 1 e n. 2 pah 149- 167, 2003.
- GONÇALVES, C. A., ANDRADE, K. E., ALMEIDA, M. L. L. *Se Macumba é para o bem, então é boacumba: análise morfoprosódica e semântico-cognitiva das substituições sublexicais em português*. Universidade Federal do Rio de Janeiro: *Revista Linguística/ Revista do Programa de Pós Graduação em Linguística*, volume 6, número 2, 2010
- MAZIÈRE, F. *Análise do Discurso*. História e práticas. São Paulo, SP. Ed. Parábolas. 2007.
- MOURA, J. R. F. *A relação do verbal e não-verbal nas manchetes de capa do jornal Meia-Hora*. *Anais do Silel*. Volume 3, número 1. Uberlândia. 2013

\_\_\_\_\_. *Capas do Jornal Meia-Hora: uma análise discursiva do verbal e não verbal*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2015.

\_\_\_\_\_. *O Funcionamento discursivo dos léxicos/imagens nas manchetes manchetes de capa do jornal Meia-Hora*. *Revista da ALED Brasil*. Volume1, número 1. São Carlos/SP. 2014.

ORLANDI, E. P. *A Linguagem e seu Funcionamento: As Formas do Discurso*. São Paulo, SP. Ed: Brasiliense.1983

\_\_\_\_\_. *Discurso e Leitura*. Campinas, SP. Ed. Unicamp. 1ª edição.1988

\_\_\_\_\_. *Efeitos do verbal sobre o não-verbal*. Rua, Campinas, n 1, p. 35-47, mar.1995.

\_\_\_\_\_. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Ed Vozes. Petrópolis, RJ.1996

\_\_\_\_\_. *Discurso e Texto. Formulação e Circulação dos Sentidos*. Campinas, SP. Ed: Pontes. 3ª edição .2008.

\_\_\_\_\_. *As Formas do Silêncio. No movimento dos sentidos*. Campinas, SP. Ed: Unicamp 6ª edição. 2010.

\_\_\_\_\_. *Princípios & Procedimentos*. Ed: Pontes. 10ª edição. Campinas, SP. Ano 2012.

PÊCHEUX, M. *Sur les contextes épistémologiques de l'analyse de discours*, *Mots*, 9.

\_\_\_\_\_. *Semântica e Discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP. Ed: Unicamp. 4ª edição. 2009

\_\_\_\_\_. *Análise sintática e paráfrase discursiva*. In: ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi. Traduzido por Cláudia Pfeiffer. P 163- 173. 3ª edição. Pontes. Campinas, SP. 2012

\_\_\_\_\_. *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento*. Campinas, SP. Ed: Pontes. 6ª edição 2012.

SALOMÃO, M.M. *Construções Modais com dar no Português do Brasil: metáfora, uso e gramática*. In *Revista de estudo da Linguagem Faculdade de Minas Gerais*. www.periodicos.letras.ufmg.br V 16. N. 1. Ano 2008

SILVA, T. D.; SOUZA, T.C.C. e AGUSTINI, C. *Imagens na comunicação e no discurso*. Belo Horizonte, MG: Editora Annablume, 2012.

SOUZA, T.C.C. de. *Discurso e imagem: perspectivas de análise do não-verbal*, Conferência no 2º Colóquio de Analistas del Discurso, Universidad del Plata, Instituto de Lingüística da Universidad de Buenos Aires, La Plata e Buenos Aires, 1997b

..... *Uma análise discursiva de Limite*, In: AMÂNCIO, T. (org.) Limite de Mário Peixoto, CD-rom produzido LIA (Laboratório de Imagem e Áudio-visual), Rio de Janeiro: RIO Filmes, 1997c

..... *Carnaval e memória: das imagens e dos discurso*. Contracampo 5, Niterói: UFF, 2000

..... *A Análise do não-verbal e os usos da imagem na mídia*. Campinas: 7, RUA, 2001.

..... *Discurso e imagem: uma questão política*. In: LENZI, L.H.C.; DA ROS, S.Z.; SOUZA, A. M. A. de.; GONÇALVES, M. M. (Org.). *Imagem: intervenção e pesquisa*, 1a. ed. Florianópolis: NUP, 2006, v. , p. 079-101

..... *Imagem, textualidade e materialidade discursiva*. In: RODRIGUES, E. A. et al. *Análise de Discurso no Brasil: pensando o impensado sempre. Uma homenagem a Eni Orlandi*. 1ª. ed. Capinas: Editora RG, 2011

..... *Gestos de interpretação e olhar(es) na fotos de Curt Nimuendajú: índios no Brasil*. Revista FSA, Teresina, v. 10, n. 2, art. 16, pp. 287-301, Abr./Jun. 2013

..... *Discurso e cinema: (i)materialidades discursivas e efeitos metafóricos*. Cadernos de Semiótica Aplicada, vol 11. No. 1, 2013.

SOUZA, T. C. C. de e MOURA, J. R. F. *Processos lexicais em mídia popular. Comunicação apresentada no V SIMELP: Lecce, Itália, 2015.*

<http://www.meiahora.ig.com.br/> Consultado em 14/12/2013

<http://www.jornalonline.net/2032-a-historia-do-jornal-no-brasil.htm> Consultado em 15/06/2014